

XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

**A MEMÓRIA TRADICIONALISTA:
OS FUNDADORES**

**MARIA EUNICE MACIEL
PPGAS - UFRGS**

GT 01 3ª SESSÃO

1999

A Memória Tradicionalista: os Fundadores.

Maria Eunice Maciel - UFRGS

Introdução:

No Rio Grande do Sul costuma-se chamar de “gauchismo” tudo que se refere ao Estado e ao Gaúcho incluindo manifestações e práticas culturais as mais diversas que são assim classificadas. Porém, o gauchismo possui uma porção estruturada e organizada em associações voltadas para o “culto às tradições gaúchas”, os Centros de Tradições Gaúchas, conhecidos por sua sigla, CTG (embora possam chamar-se também de piquetes, grupos e outras denominações) e federados numa entidade o Movimento Tradicionalista Gaúcho, MTG. Envolvendo um grande número de pessoas, o Tradicionalismo Gaúcho é também um poderoso veículo de sociabilidade e lazer promovendo atividades tais como rodeios, cavalgadas, bailes, festas campeiras, concursos e muitas outras.

Procurando cultivar as tradições ligadas à figura do gaúcho, o Tradicionalismo Gaúcho criou o que é chamado de “cultura tradicionalista”, ou seja, uma atualização do passado que cria novas formas culturais com base em tradições e no folclore regional, dentro de um processo semelhante ao das “invenções das tradições” descrito por Hobsbawm. Desta forma, são criadas práticas e manifestações culturais adequadas ao presente mas referenciadas ao passado, surgindo, neste processo um pampa imaginário, idealizado e idílico que seria povoado por uma gente forte, constituindo uma sociedade democrática e uma época heróica que tem na Revolução Farroupilha, seu momento maior.

Todo este movimento teve seu início com alguns rapazes¹. Este momento ficou na memória de seus participantes como uma espécie de “mito de origem”, uma narrativa especial, contada aos que ingressam, recordada freqüentemente em setembro, quando das comemorações da Semana Farroupilha e objeto de publicações. Particularmente para seus fundadores, tornou-se um momento especial de sua existência e referência particularmente importante em suas recordações.

Os primórdios do Tradicionalismo Gaúcho tal como existe hoje no Rio Grande do Sul encontram-se nos jovens que resolveram, em 1947, fundar junto ao Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, o Departamento de Tradições Gaúchas e comemorar a Revolução Farroupilha, naquele

¹ - A primeira associação tradicionalista no Rio Grande do Sul data de 1880, o Grêmio Gaúcho, fundado em Porto Alegre. Depois, foram criadas outras associações no início do século como a União Gaúcha em Pelotas, fundada pelo escritor Simões Lopes Neto. Embora ainda tenha havido outras, não constituíam um movimento sendo associações isoladas. É a partir de 1948, com a criação do primeiro CTG que inaugura-se uma fase de expansão do movimento que dura até hoje, no final do século XX.

ano, de uma maneira especial. A partir desta iniciativa, em 1948 foi criado o “35- Centro de Tradições Gaúchas”, primeira de uma série de associações semelhantes cujo objetivo expresso é o “culto às tradições gaúchas”. Estas associações encontram-se federadas através do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) criado em 1954, que não apenas as congrega mas também as fiscaliza no que concerne a forma pela qual o culto é realizado. Hoje, 1999, o número de entidades tradicionalistas é de 1410 no Rio Grande do Sul, existindo também em outros Estados do país, notadamente, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e São Paulo e mesmo em outros países, como nos EUA (em Los Angeles).

O articulador, mentor e principal liderança nos momentos iniciais do movimento foi João Carlos Paixão Côrtes. Quando das comemorações da Revolução Farroupilha em 1947, este veio a conhecer outro estudante do mesmo colégio, Luiz Carlos Barbosa Lessa com quem veio a constituir uma parceria tanto no tradicionalismo quanto em pesquisas de cunho folclórico. Pouco depois, quando da criação do “35”, no início de 1948, uniu-se a eles Glaucus Saraiva que também teve papel de destaque até sua morte na década de 80. Embora outros tenham participado da criação do Tradicionalismo, são estes as figuras mais importantes, as que moldaram o movimento tal como o conhecemos hoje e que vão dedicar suas vidas ao gauchismo. De fato, principalmente em relação aos três principais líderes, João Carlos Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva, suas trajetórias pessoais vão se confundir com a trajetória do Gauchismo e do Tradicionalismo.

Porém, talvez o aspecto mais significativo de sua atividade tenha sido a criação da *cultura tradicionalista* que veio a ser confundida com a cultura tradicional e a qual corresponde uma determinada figura do gaúcho que hoje é adotada como “oficial”. O gauchismo e o tradicionalismo, operam a partir de uma atualização do passado rural, atualização esta que implica em recomposição, criação e recriação de manifestações associadas à figura do gaúcho e numa certa noção de autenticidade. Corresponde criar um espaço e um tempo imaginário, onírico. Operando com a figura do gaúcho, seus participantes vestem-se como tal e, principalmente, procuram comportar-se da forma como imaginam a existência do gaúcho da campanha. O movimento fornece, assim, a possibilidade de se “viver um outro” - o gaúcho - uma figura emblemática reelaborada segundo concepções individuais. Assim, é da atualização do passado e da tentativa de recriá-lo e revivê-lo que emerge a Cultura Tradicionalista, como mostra Barbosa Lessa:

“Quando algum elemento faltasse para a nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou de outro. Assim, por exemplo, qual o adjetivo que daríamos a nós mesmos quando estivéssemos vestidos à gaúcha? Alguém sugeriu “aperado”. Mas “apero” é arreiaimento, é roupa de cavalo, o termo não ficava bem. Então, na ata de 8 de maio de 1948 o secretário Antônio Cândido se lembrou que pilcha é dinheiro ou o objeto de uso

pessoal que possa ter um valor pecuniário. ‘Vamos oferecer ao patrão de honra, Paixão, um churrasco, ao qual a indiada deverá vir toda pilchada’. E esse invento colou.”²

O “inventor”, ou seja, o preencher as lacunas e criar algo novo com os elementos antigos, dando-lhes novos significados é realizado através da memória, fazendo analogias. Aos poucos, foi-se constituindo um vocabulário próprio, particular ao movimento dando novos sentidos às palavras tradicionais. O exemplo do “traje de honra” hoje oficializado por Lei Estadual, as “pilchas”, é significativo: pilchas como algo de valor era tradicional, pilchas como vestuário é tradicionalista.

O tradicionalismo assim fundou uma “cultura de evocação”, referenciada num passado rural idealizado, glorioso e idílico mas ancorada no presente, nas necessidades dos homens atuais. A personificação do gaúcho é feita por homens do presente e, sobretudo, das cidades. Ao tentarem reproduzir os homens do passado, jogam com vivências, idéias, valores e julgamentos do presente. Desta maneira, trabalhando com os elementos tradicionais, o gauchismo constitui uma atualização do passado que pretende à autenticidade mas implica na criação e recriação onde, cada vez mais, surgem novas formas, novos termos, novos sentidos.

Um grupo jovem:

Em 1947, quando o movimento teve início, o país havia saído há pouco do período ditatorial do Estado Novo e, entre outras mudanças, foi retomada a autonomia dos Estados e estabelecidas novas constituições estaduais.

O Estado Novo foi um momento de grande uso político da cultura e que, em especial, estimulou e valorizou as tradições e costumes populares das regiões³, inclusive procurando cooptar os intelectuais. No Rio Grande do Sul da década de 40, o que havia sobre a região eram estudos restritos a uma elite intelectual em geral organizada em torno do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Editora Globo e da Revista Província de São Pedro, ficando assim os “assuntos regionais” sejam eles ao nível de história, folclore, tradições e costumes, restritos a uma elite.

Dentro do projeto centralizador de Vargas, um dos primeiros atos do Estado Novo foi a queima das bandeiras dos Estados em 4 de dezembro de 1937, no Rio de Janeiro, então Capital Federal, ato este que era acompanhado por uma política de culto à bandeira e ao hino nacional e ao mesmo tempo sinalizava a política Varguista do período: nacionalista, centralizadora e antiestadual. A queima das

² - BARBOSA LESSA, *Nativismo*, Porto Alegre, L&PM, 1985, pag..57.

bandeiras deveria ser repetida nos Estados porém, no Rio Grande do Sul, as bandeiras, não foram queimadas mas sim recolhidas⁴. De fato, a bandeira rio-grandense é baseada na bandeira farroupilha bem como seu brasão e seu hino, associada assim ao que era e é considerado como um “momento maior” da história rio-grandense. A proibição destes símbolos fez com que a geração criada com o Estado Novo não os conhecesse. Paixão Côrtes conta que próximo ao Colégio Júlio de Castilhos havia um bar no qual o proprietário, sem o saber, usava a bandeira rio-grandense para tapar o vidro de uma janela, retirando-a devido aos seus protestos.

É no quadro de redemocratização do pós-guerra e pós Estado Novo que um grupo de jovens teve a iniciativa de voltar-se para a figura do gaúcho e para uma cultura ancorada no campo e no pampa. Tratava-se de uma iniciativa popular, não-oficial⁵, de jovens entusiasmados os quais tiveram suas vidas tocadas pelo gauchismo e pelo tradicionalismo.

A partir de 1947, as trajetórias pessoais de Paixão Côrtes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva vão confluir cada vez mais para o gauchismo, diferenciando-se dos outros fundadores que, embora continuassem no movimento, construíam vidas profissionais em separado, ou seja, não vieram a fazer do gauchismo uma alternativa de vida. Ao contrário, para os três em foco, o gauchismo tornou-se parte fundamental de suas vidas alternando-se entre a militância no Tradicionalismo e a dedicação às pesquisas folclóricas. Ocorreu mesmo uma espécie de “profissionalização” no sentido de fazerem do gauchismo, de uma ou outra forma, seu meio de vida e sustento.

Anos mais tarde, estes não mais jovens sentiram a necessidade de reconstituir estes momentos, relembrar e registrar os primórdios do tradicionalismo, surgindo assim dois livros: *Nativismo* de Barbosa Lessa (1985) e *Origem da Semana Farroupilha - Primórdios do Movimento Tradicionalista*, de Paixão Côrtes (1994). Glaucus Saraiva faleceu cedo, não tendo deixado suas recordações por escrito⁶.

O primeiro livro procura traçar um quadro do nativismo no Rio Grande do Sul desde o século XIX até os meados da década de 80 do século XX, quando se verificava um novo fôlego no gauchismo, porém com características novas que incluíam a contestação ao MTG e às suas idéias a respeito do gaúcho. O segundo é um livro de memórias que procura traçar um histórico dos primeiros tempos do tradicionalismo a partir das lembranças de seu fundador.

³ - Segundo JOSÉ MURILO DE CARVALHO, “Brasil: nações imaginadas” in: *Antropolítica*, PPACP-UFF n° 1 Jan / Jun 95, p. 32 e 33

⁴ - PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. *Origem da Semana Farroupilha, primórdios do Movimento Tradicionalista*. Porto Alegre, Editado pelo autor, 1994, pag. 40.

⁵ - Foi também em 1947 que foi criada a Comissão Nacional do Folclore, sediada no Ministério das Relações Exteriores e presidida por Renato de Almeida. Sobre o assunto ver VILHENA, Luíz Rodolfo. “Os intelectuais regionais. Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50”. *RBCS* n° 32 ano 11. Outubro de 1996.

⁶ - Outros companheiros dos primeiros tempos também publicaram suas recordações daqueles momentos iniciais porém, nenhum deles teve o papel que os três aqui salientados.

Seus críticos tratam de definir estes livros como obras destinadas a enaltecer seus próprios feitos, não apenas contar sua própria história mas torná-la maior do que seria. Porém, outros livros também foram escritos por tradicionalistas que acompanharam os primeiros momentos e todos os colocam no centro dos acontecimentos, como propulsores e idealizadores.

Embora Paixão Côrtes e Barbosa Lessa sejam até hoje respeitados, sua atuação não é mais de liderança pois uma nova geração de tradicionalistas substituiu-os e o movimento foi, aos poucos, diferenciando-se do que era inicialmente, o que não é feito sem conflitos.

Barbosa Lessa, em sua narrativa, utiliza a primeira pessoa, alternando o trabalho de pesquisa com lembranças pessoais. Já Paixão Côrtes utiliza-se do “nós”, como se estivesse fora da situação. No entanto, como personagem central do acontecimento, não consegue furtar-se de falar de si mesmo, embora utilize freqüentemente citações de outros companheiros que, ao narrarem os acontecimentos desta fase, referem-se a ele. Nas entrevistas, ambos tratam de referir-se um ao outro como “Paixão e eu” e “eu e o Lessa”⁷, nomeando também outros companheiros de jornada.

Mas quem eram estes jovens e o que os levou a criar este movimento?

Os três eram provenientes do interior do Estado, tal como a maioria dos primeiros participantes. Paixão Côrtes era de Santana do Livramento, cidade fronteiriça separada da localidade uruguaia de Rivera apenas por uma rua e uma praça. Sua família, como muitas da região da fronteira, é parte uruguaia (pelo lado materno) e seu pai era engenheiro agrônomo tendo sido diretor do Posto Zootécnico da Secretaria de Agricultura na zona rural de Uruguaiana (outra cidade fronteiriça, neste caso, com a Argentina) o que propiciou a seu filho uma convivência, desde cedo, com as lides campeiras. É nesta vivência fronteiriça, em plena campanha gaúcha, no pampa, que Paixão Côrtes se ancora para construir muitas das manifestações culturais ligadas ao Tradicionalismo.

Barbosa Lessa nasceu em Piratini, cidade que foi sede do governo Farroupilha durante a Revolução tornando-se símbolo regional associado a este evento histórico⁸. Seus avós foram pequenos fazendeiros e seu pai era médico. Foi criado numa pequena chácara nas cercanias da cidade, o que é considerado raro pois esta é uma região de estâncias e não de chácaras. Seu pai era uma exceção na família, o “doutor” em quem foi investido um esforço familiar no sentido de sua educação e formação e conseqüente rompimento com as rudezas do campo. Segundo Barbosa Lessa, seu pai nunca se adaptou à vida fora do campo mas não podia “voltar atrás”, dado o sacrifício feito pela família para sua formação. Porém, após a morte do pai, tentou ser fazendeiro, mas não deu certo tendo sido sempre o que chamou de “médico de roça”. É dentro deste dilema familiar, que se reproduz uma dicotomia entre

⁷ - O trabalho foi baseado nestas duas obras e em entrevistas com Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Com este último, a entrevista n° 2 foi realizada após ter sido lido o livro, o que possibilitou cotejar informações. A entrevista n° 1 foi realizada nos quadros do Seminário sobre Cultura Gaúcha a cargo do professor Ruben G. Oliven a quem agradecemos a permissão do uso deste material, atualmente parte do acervo do Laboratório de Antropologia Social do PPGAS-UFRGS.

⁸ - Por exemplo, o palácio do governo estadual, em Porto Alegre, chama-se Piratini, a primeira estação de TV no Estado, e vários colégios, ruas e praças.

campo - cidade, neste processo de ruptura e tentativa de retorno, que Barbosa Lessa cresceu e que marcou seus primeiros anos.

Glaucus Saraiva era de São Jerônimo e um pouco mais velho que os outros dois. Sua família segundo dizia, era descendente de Gumercindo Saraiva, figura histórica de caudilho maragato. Era maçom, o que fez com que fosse muito ligado aos rituais e à criação de símbolos que, posteriormente, vão fazer parte do Tradicionalismo.⁹

Desta forma, nenhum dos três pertencia a famílias de grandes proprietários de terras. No entanto, sua vivência em pequenas cidades do interior, muito influenciadas pelo meio rural, fazia com que mantivessem contatos estreitos com o universo pastoril, por amizade ou parentesco com fazendeiros, o que veio a propiciar-lhes contato com o gaúcho das fazendas de gado e com a vida cotidiana destes estabelecimentos.

Os três vieram para Porto Alegre para estudar, como muitos de sua geração e mesmo de gerações seguintes. Barbosa Lessa fez seus primeiros estudos em casa, com sua mãe, mudando-se para Pelotas, aos onze anos, para fazer o ginásio e depois, para Porto Alegre, aos quinze, para o colegial. A mudança de Piratini para Pelotas ficou registrada em sua memória como um momento de contato com outros hábitos e comportamentos, não isenta de conflitos :

“...Eu me lembro de um primo meu, o Osvaldo, que já estava há mais tempo em Pelotas que ele mexia muito comigo que eu não sabia caminhar. Então quando nós andávamos, eu com 11 anos, ele com uns 15 ou 14, andávamos pela calçada caminhando, indo para a escola ou voltando...ele dizia: mas tu tens que aprender a caminhar, porque eu não sabia nem sequer usar um sapato como os rapazes bem comportados da cidade.”¹⁰

Este caso dos sapatos não indica que a família fosse pobre e não pudesse comprar sapatos para um dos filhos, indica sim um tipo de vida de criança numa pequena cidade do interior daquela época - guri de Piratini, “criado solto”, não costumava usar sapatos, o que era necessário no colégio em Pelotas. A mudança de cidade e o colégio são, desta forma, associados aos sapatos através de um mesmo sentimento de perda de liberdade e de tolhimento.

Barbosa Lessa foi desde cedo um jovem criativo. Em Pelotas criou, aí pelos 12 anos, um jornal escolar para arrecadar dinheiro para comprar histórias em quadrinhos. Aos 13 anos organizou um conjunto musical, “Os Minuanos”, que tocava principalmente tango e boleros, já que música gauchesca não havia. Conta ele que, em dada oportunidade, pediu um poncho emprestado e declamou um poema

⁹ - As informações sobre Glaucus Saraiva são menores e mesmo insuficientes.

¹⁰ - BARBOSA LESSA, Entrevista n° 1.

de Vargas Neto (poeta gauchesco) numa atividade da escola, o que representariam seus primeiros passos dentro do gauchismo, ainda em Pelotas.

O segundo marco foi quando mudou-se para Porto Alegre, aos quinze anos. O percurso realizado levou-o da pequena e histórica Piratini, onde, em sua infância, a luz elétrica funcionava das 7 as 11 da noite e as crianças não precisavam usar sapatos todos os dias à Pelotas, cidade aristocrática e depois à capital, mais cosmopolita e mais sujeita às influências externas.

Para Paixão Côrtes, a trajetória deu-se de forma semelhante. Tendo perdido o pai aos dezesseis anos, tinha se tornado arrimo de família e transferido-se para Porto Alegre onde poderia estudar de noite e trabalhar durante o dia. Conta um colega de estudo que ele costumava comparecer às aulas vestido à gaúcha, até mesmo com garrucha à cintura, escondida por um poncho.¹¹

Estes dois últimos eram trabalhadores e estudantes do noturno e, embora estudassem no mesmo colégio, não se conheciam. Paixão Côrtes era então funcionário da Secretaria de Agricultura e Barbosa Lessa jornalista da Revista do Globo e colaborador da Revista Província de São Pedro, duas importantes publicações da época.

A capital, Porto Alegre, ainda trazia traços de cidade provinciana porém para ambos, rapazes interioranos, era, de certa forma, um outro mundo, percebido por eles como dominado pela cultura norte-americana. Sobre suas impressões na chegada à capital, Barbosa Lessa assim coloca:

“Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás néon, Hollywood nos estonteava com a tecnocolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey mas, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso “pago” sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um “pingo” e no singelo convívio das “rodas de chimarrão”.¹²

Este depoimento traz uma dada percepção sobre o impacto da influência cultural norte-americana na Porto Alegre do pós-guerra. Que ocorreu tal impacto, que a modernização era algo valorizado e que a capital estava sofrendo grandes transformações parece ser um consenso. Embora Porto Alegre continuasse, em muitos aspectos, sendo uma capital “provinciana”, na percepção de um recém-chegado do interior, ela representava um rompimento com os referenciais que garantiam sua segurança. Assim, a oposição campo-cidade é confundida com uma oposição capital-interior.

Nesta passagem há um duplo aspecto: a fascinação e a rejeição. Porto Alegre fascinava mas não podia concorrer com o que tinha sido deixado para trás e neste sentido, o “pago”, expresso no cavalo e no galpão, elementos estes que são ligados à vida nas estâncias, ao campo, ao meio rural Trata-se de um pago simbólico, imaginário, que representa aquilo que teve de ser abandonado para mudar-se para a

¹¹ - SANGUINETTI, Ivo, *apud* PAIXÃO CÔRTEES, J.C. , op. cit. Pag. .51.

¹² - BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. Op. cit. , pag. 56.

capital: família, amigos e segurança. O fascínio irresistível da modernidade, trazendo para perto coisas das quais conheciam só de “ouvir falar”, não apenas estonteava mas também causava insegurança. Desta forma, o “pago” e o “pingo” são emblemáticos. Mesmo que estes rapazes não morassem em estâncias e que já tivessem passado por experiência urbana, a rejeição à cidade levava à afirmação do campo, um campo onírico, como depositário de recordações de um tempo melhor.

Outro aspecto emblemático é a referência que ambos fazem à Coca-Cola, um dos ícones da cultura norte-americana, sendo que sua geração era freqüentemente chamada de “geração Coca-Cola”, ou seja, aquela que era jovem quando ao refrigerante chegou ao Brasil. Sobre o assunto, Paixão Côrtes assim se expressa:

“A “geração Coca-Cola” começava a tomar conhecimento publicitário aqui no nosso país desta bebida - “a pausa que refresca” - em 1942/43, através de uma propaganda inserida numa revista de bolso - “Seleções de Reader’s Digest”. O anúncio trazia, além de um rótulo circular com o nome do produto, em destaque, um mapa das três Américas e o texto: - “The COCA-COLA COMPANY - unidos hoje, unidos sempre - Propriedade literária e artística reservada”(…) Um dos veículos primeiros para a introdução degustativa da Coca-Cola foi via aérea, isto é, bebida servida durante os vôos da Panair, para o Brasil”.¹³

Nas recordações de Barbosa Lessa, a primeira experiência com a Coca-Cola deu-se da seguinte forma:

*“Mas em Porto Alegre eu e quantos outros não tínhamos um complexo de inferioridade por não ter a Coca-Cola, por não ter chegado ainda em Porto Alegre a Coca-Cola, que era terrível, por que a revista que nossos pais ou tios liam era a Seleções ou a Cruzeiro, mas principalmente a seleções, quando vinha aqueles anúncios coloridos de gente bonita, jovem, feliz tomando Coca-Cola e nós não tínhamos, não havia chegado ainda, nós não tínhamos atingido ainda aquele nível de progresso. Então, quando chegou a Coca-Cola, eu tomei pela primeira vez no café Roxy, na rua da Praia, eu achei a maior porcaria do mundo e fiz um esforço para ir até o fim por que eu não queria me entregar, dizer que aquilo não era ruim. Mas depois, dali uns dias, mas que diabo, eu não vou tomar Coca-Cola, eu não gostei mesmo, porque eu vou tomar?”*¹⁴

A recusa à Coca-Cola é significativa: é a recusa à cultura estrangeira representada, simbolicamente, por ela e ao mesmo tempo uma afirmação nacionalista embora de forma não explícita. Mas a alternativa a esta situação não é dada em termos de nacionalidade - Brasil opondo-se aos EUA -

¹³ - PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. Op. cit. , pag. 36.

¹⁴ - BARBOSA LESSA, entrevista n° 1.

mas em termos de regionalidade, o RGS . Porém, o Rio Grande dos primeiros tempos de ocupação do território, ao pampa, o universo do gaúcho, de onde ele emerge, no qual adquire significado e de onde são extraídos os elementos os quais, ligados a uma rede de significações, formam a identidade regional.

Assim, conjugavam-se o fim do Estado Novo, a retomada da autonomia estadual, a influência norte americana e a modernização com um incremento nas migrações internas que levam para a capital jovens interioranos. E é junto a um Grêmio Estudantil, o do mais tradicional colégio público do Rio Grande do Sul, o Júlio de Castilhos (conhecido carinhosamente como “julinho”), que surge a primeira iniciativa que viria a deflagrar o processo de construção do Tradicionalismo Gaúcho. Neste ano, 1947, por sugestão de Paixão Côrtes, é criado o Departamento de Tradições Gaúchas junto ao Grêmio da Escola.

A proposta do Departamento era “preservar, desenvolver, proporcionar uma revitalização à cultura rio-grandense, interligando-a mais valorizada, no contexto da cultura brasileira.”¹⁵ e a realização de uma atividade denominada de *Ronda Crioula* para celebrar a Revolução Farroupilha que se estenderia do dia 7 de setembro (final da Semana da Pátria) ao 20 de setembro, data comemorativa da Revolução. Para tal, Paixão Côrtes entrou em contato com a Liga de Defesa Nacional, LDN, que, naquele ano, 1947, estava preparando uma Semana da Pátria especial, alusiva aos 125 anos da Independência e que contaria com as homenagens póstumas aos “pracinhas” mortos na Segunda Guerra Mundial. Neste ano, o fogo simbólico teria seu início no Cemitério de Pistoia, passando por Roma e transportado por avião para o Rio de Janeiro de onde seguiria para o sul, conduzido por atletas até Porto Alegre.

Ao entrar em contato com a LDN, Paixão Côrtes foi solicitado por seu presidente para organizar uma “guarda de honra” de gaúchos para outra atividade que ocorreria durante a Semana da Pátria: o traslado dos restos mortais do General David Canabarro - herói farroupilha - de sua cidade, Santana do Livramento (que também é a cidade natal de Paixão Cortes), para o Panteão rio-grandense no cemitério da Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre.

Paixão Cortes sai assim a procura de jovens que soubessem montar à cavalo e que se dispusessem a participar do evento, devidamente vestidos com os trajes tradicionais dos gaúchos. Conseguiu, a muito custo, 8 companheiros, que ficaram conhecidos como o “Grupo dos Oito” ou o “Piquete da Tradição”. Com cavalos cedidos pelo Exército e arreios emprestados, em 5 de dezembro de 1947, os oito rapazes, carregando as bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul e do Colégio Júlio de Castilhos, acompanharam em cortejo a urna funerária de Canabarro. Tornou-se, este acontecimento, um marco, uma espécie de momento fundador muito especial para os participantes do movimento.

¹⁵ - PAIXÃO CÔRTEES, op. cit. pag.. 43.

É nesta ocasião, na praça da Alfândega, que Paixão Côrtes e Barbosa Lessa se conheceram, iniciando uma amizade e parceria que se estende até hoje. Nas palavras de Lessa, o encontro deu-se da seguinte forma:

“Eu estava lendo o diário de notícias que chegaria naquele dia os restos mortais de David Canabarro e haveria uma solenidade na Praça da Alfândega. Lá me fui eu e para minha surpresa eu vi 8 rapazes da minha idade, vestidos a gaúcha em Porto Alegre. Isto daí era impossível, inacreditável ver oito rapazes, no centro de Porto Alegre, vestidos à gaúcha cria tanto impacto quanto descerem, hoje, na Praça da Alfândega, marcianos num disco voador. E eu me acheguei a um daqueles marcianos e perguntei “como é que eu posso entrar nessa turma de vocês?” Ainda a cavalo, “olha o meu nome é Paixão e eu estudo no Júlio de Castilhos”, e eu disse “gozado, eu também estudo no Júlio de Castilhos”. “Estuda de dia ou de noite?”, “Não, eu sou do noturno”, “eu também sou do noturno”. Era setembro de 47 e estava tendo início naquele dia as comemorações, as primeiras comemorações que havia da Semana Farroupilha, boladas pelo Paixão...”¹⁶

Este é um momento-chave na memória dos dois. Embora Lessa não tenha feito parte do “grupo dos Oito”, o encontro colocou-o dentro da atividade e também como um dos de “primeira hora”, fazendo parte do momento fundador.

A formação da “guarda de honra gaúcha” para Canabarro foi um dos acontecimentos ligados não apenas à Semana da Pátria mas também à *Ronda Crioula*, precursora e embrião do que viria a ser a Semana Farroupilha. Hoje oficializada em lei, com a participação de autoridades e desfiles militares e gauchescos, espelhando-se na Semana da Pátria, a Semana Farroupilha celebra um marco da identidade rio-grandense e é considerada a “data maior” do Estado.

A proposta de Paixão Côrtes, que realizar uma “Ronda Crioula” para celebrar a Revolução Farroupilha envolvia uma série de atividades desde palestras com intelectuais rio-grandenses até um baile gauchesco. É interessante salientar que a origem das comemorações ligadas à identidade rio-grandense estejam simbolicamente ligada a Semana da Pátria, que celebra a nacionalidade.

Ainda em acordo com a LDN, Paixão Côrtes retirou da Pira da Pátria onde estava o fogo simbólico, uma centelha antes deste ser apagado na noite do dia sete para o oito de setembro. Esta centelha, levada ao Colégio Júlio de Castilhos veio a acender o fogo simbólico rio-grandense, a Chama Crioula, assinalando o início das comemorações.

Desta forma, as comemorações da Revolução Farroupilha nascem em continuidade às comemorações da Pátria. A relação nação / região é assim simbolicamente representada como

continuidade e inserção e não como oposição. É significativo que tenha ocorrido justamente em 1947, após a experiência centralizadora do Estado Novo e da recuperação da autonomia dos Estados, que elaboram suas constituições neste ano e recuperam também os seus símbolos. O interessante desta questão é que não foi o Estado o promotor da comemoração da Revolução (que em 1935 havia celebrado o centenário Farroupilha com grande pompa). As comemorações de 1947, foram uma iniciativa de jovens estudantes secundaristas, circunscrita a estes e trazendo, de certa forma, a marca da juventude. Anteriormente, comemorava-se apenas o 20 de setembro, e mesmo assim, de maneira restrita. A *Ronda Crioula*, criação de Paixão Côrtes em 1947, foi o embrião da atual Semana Farroupilha, cuja “oficialização” deu-se muito tempo depois.

Poucas são as recordações das atividades intelectuais desenvolvidas durante esta primeira *Ronda*. De fato, as recordações centram-se nas atividades rituais e lúdicas; a lembrança deste momento é uma lembrança jovem revivida nas entrevistas e nos escritos: de como retiraram com um cabo de vassoura improvisado a centelha da pira, de como Paixão Côrtes teve que subir vestido à gaúcha uma escada de madeira de seis metros de altura posta para alcançar a pira; de como o fogo quase se apagou e, principalmente, do baile, das roupas ali usadas, do concurso de trajes gauchescos, das músicas e das moças.

Porém, estes jovens estavam terminando o colegial e em breve cada um seguiria seu caminho, dispersando-se. Além disso, muitos dos que participaram da guarda de honra, o Piquete das Tradições, não eram alunos do Julinho bem como outros interessados. Assim, surgiu a idéia de formar um “clube tradicionalista” para a continuidade da proposta de culto às tradições gaúchas.

A idéia foi de Barbosa Lessa, lançando-a no baile de 20 de setembro, como também foi dele a iniciativa de sair com um caderno coletando nomes de interessados. É interessante notar o texto da chamada para a primeira reunião, é dirigida especificamente aos interioranos:

“Aqui trazemos um convite aos gaúchos que, embora residindo na capital e tendo hábitos citadinos (sic), guardam ainda nas veias o sangue forte da terra rio-grandense. É sobre a fundação de um clube tradicionalista. Terá por finalidade reunir no mesmo rodeio os guapos das muitas querências do Rio Grande, mas agora residindo em Porto Alegre. No primeiro sábado de novembro realizaremos uma reunião preparatória das atividades, para que todos sejam orientados, e assim entrem na cancha, em março, de relho em pé, prontos para a vitória. Viva o Rio Grande do Sul”¹⁷.

¹⁶ - BARBOSA LESSA entrevista n° 1.

¹⁷ - BARBOSA LESSA, op.cit., p.57.

Aparece aqui, novamente, a distinção entre capital e interior / campo. A vida da cidade do interior e a vida no campo eram idealizadas e representavam a “verdadeira terra rio-grandense”. A capital, mais exposta à modernização, às transformações e às influências externas é vista como algo “perigoso” e “não - autêntico”, incapaz portanto, de encarnar o que entendiam por “verdadeiros valores rio-grandenses”, “perdidos em Porto Alegre”, bem como os interioranos que aqui viviam. A utilização da linguagem regional reafirma o sentido da nota, reforçando uma identificação com os gaúchos do campo, portadores deste linguajar.

Ao mesmo tempo, um outro grupo de rapazes, um pouco mais velhos, também estava pensando em criar algo semelhante, como uma “academia gaúcha”. Eram eles ex-escoteiros liderados por Glaucus Saraiva e Helio José Moro que a partir da “patrulha quero-quero” criaram a “Estância quero-quero”, “agauchando-a”, no dizer de Antonio Augusto Fagundes, amigo e colega de Glaucus Saraiva. Aos poucos os integrantes do Piquete, da Estância, do Departamento de Tradições e outros isolados foram se encontrando.

Foi em função das tradições gaúchas, que estes jovens interioranos começaram a se reunir aos sábados à tarde nos fundos da casa de um deles mas, a partir desta perspectiva iam criando, também, um espaço de sociabilidade referenciado no que conheciam do meio rural, em especial do galpão.

O galpão, esta edificação rústica que existe nas fazendas rio-grandenses, local onde a peonada (os trabalhadores da estância e, devido a isso, um grupo masculino) se reúne após o trabalho, era e é visto como um lugar de sossego, calma e aconchego e o lugar privilegiado de sociabilidade da população masculina das estâncias.

No imaginário local e na memória destes rapazes provincianos, o galpão e o fogo simbolizam toda uma idéia de acolhimento e fraternidade que se oporia ao que viviam no dia a dia da capital. O que aqueles jovens procuravam era recriar em Porto Alegre o ambiente do galpão tal como o conheciam e como o tinham guardado na memória, ou seja, um local de reunião onde, ao redor de um fogo-de-chão, tomando mate, podiam conversar, contar “causos”¹⁸, declamar poesias, enfim, um ambiente de descanso e de trocas. Não havia uma pretensão à pesquisa ou ao estudo. Ao contrário, o galpão é, no imaginário, justamente o local oposto ao trabalho, dedicado apenas ao descanso. Pretendiam, sim, serem Gaúchos, no que Barbosa Lessa é claro:

“...não pretendíamos escrever *sobre* o gaúcho ou escrever *sobre* o galpão: desde o primeiro momento encarnamos em nós mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábados à tarde em nosso fogo-de-chão.” (BARBOSA LESSA, *op.cit.*, p.57, grifado no original.)

Aqui, nos momentos iniciais já se definia aquilo que seria um dos principais atrativos do Tradicionalismo Gaúcho, a possibilidade de usar a fantasia. De fato, o gauchismo se exprime por um grande número de práticas e manifestações culturais nas quais a figura do gaúcho é vivenciada ou seja, os participantes personificam, quase que “encarnam” uma figura, criando um tempo (o passado) e um espaço (o pampa) imaginários. Os participantes procuram reconstituir determinados usos e costumes ditos “tradicionais” e assim, “viver o gaúcho” - vive-se *um outro* e vive-se *em um outro*. E é daí que advém a força do movimento: seja a quem for, o gauchismo oferece uma possibilidade de vivenciar uma figura altamente prestigiada e positiva (e onde cada um pode viver o *seu gaúcho*, tal como o imagina), fornece um patrimônio cultural e o inscreve numa história coletiva, mobilizando, assim, expectativas e sentimentos, dentre os quais o de *pertencer* a um coletivo.

Neste período inicial aqueles rapazes, através de suas memórias de infância, representavam o que entendiam ser o gaúcho pampeano. As reuniões cresciam em participantes e por fim fundaram, em 24 de abril de 1948, o “35 - Centro de Tradições Gaúchas” que, se não foi a primeira associação que pretendeu preservar e cultivar as tradições, foi a partir de sua fundação que desenvolveu-se um movimento, formalizado posteriormente como Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e que teve nela o seu modelo.

Pelo próprio nome “35” data do início da Revolução farroupilha já sinaliza a perspectiva de sua existência, tendo como referencial uma identidade regional baseada nos gaúchos do pampa e do passado representados por um momento - chave, o da Revolução Farroupilha.

A estrutura do “35” que serviu de modelo a todos os outros Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) criados posteriormente, procura seguir a forma de organização de uma estância. Por sugestão de Glaucus Saraiva, a organização interna seguiu um processo de nomeação dos cargos relacionando-os com certas funções existentes na estância (é claro que com muitas diferenças devido ao fato de uma ser uma associação e a outra uma propriedade privada) recebendo denominações a partir de palavras tradicionais que, de alguma forma, poderiam evocar a nova situação. Novo contexto, novo significado.

Assim, os CTGs estruturaram-se da seguinte forma:

Presidente ----- Patrão
Vice-presidente ----- Capataz
Secretário ----- Sota -Capataz
Agregado das pilchas ---- Tesoureiro
Diretores ----- Posteiros
Sócios ----- Peões
Sócias ----- Prendas
Crianças ----- Piás

¹⁸ - “Causos” são pequenas histórias contadas no Rio Grande do Sul fazendo parte das tradições orais da região.

Departamentos ----- Invernadas

Esta nomenclatura, assim como grande parte dos rituais, tiveram em Glaucus Saraiva o seu mentor. De fato, a importância de G. Saraiva nestes primeiros tempos não pode ser menosprezada. Embora o momento fundador do Tradicionalismo, seja tido como a organização do Piquete da Tradição e da Ronda Crioula, na mesma época, Glaucus Saraiva estava organizando a “Estância quero-quero” reunindo ex-escoteiros também com vistas à preservação das Tradições Gaúchas.

No final da década de 40, Barbosa Lessa iniciou seus estudos em direito, Paixão Côrtes em agronomia, enquanto Glaucus trabalhava em diversos empregos. Porém, é neste momento que vão também iniciar uma trajetória no tradicionalismo e no folclore que direcionará suas vidas.

Ao iniciarem o “culto às tradições gaúchas”, constataram que muito pouco conheciam destas tradições. O seu conhecimento não ia muito além do que pode ser obtido nas rodas de chimarrão nos galpões e constataram a ausência quase completa de pesquisa em folclore. Assim, como forma de instrumentalização do movimento por eles criado, tornaram-se folcloristas.

Segundo Barbosa Lessa, no início de 1949, o “35” e o Clube Farrapos, da Brigada Militar, fizeram parte da representação brasileira no “Dia da Tradição”, em Montevideu. A delegação era composta por três cavaleiros para participarem das provas eqüestres, um trovador repentista, um declamador e um gaiteiro. Em Montevideu entraram em contato com as *Sociedades Criollas*¹⁹ e com as danças folclóricas apresentadas pelos representantes dos outros países. Voltaram com a constatação de que o Rio Grande do Sul era pobre em folclore, ou seja, em manifestações culturais envolvendo música, danças e outras atividades que estivessem ainda em uso. Essas, deveriam ser objeto de pesquisa e reconstituição. Assim, iniciaram, ainda timidamente, a pesquisar e a registrar aspectos do folclore regional. O primeiro resultado foi a reconstituição de uma dança, o “pezinho”, dança infantil que não constava em nenhum registro anterior e que tinham tomado conhecimento através de duas meninas na estância de um amigo.

Em 1950, quando da realização da III Semana Nacional de Folclore em Porto Alegre, incentivados por Dante de Laytano, historiador, diretor do Museu Júlio de Castilhos e da Comissão Gaúcha de Folclore²⁰ apresentaram esta dança, inédita, e outras, já registradas, mas que não eram dançadas há muito tempo. Este foi o início de suas pesquisas nesta área por todo o Rio Grande do Sul cujos resultados foram apresentadas em público, pela primeira vez, em 1952.

Como parte de seu trabalho, as músicas recolhidas (muitas vezes como dizem seus pesquisadores, “através de cacos”) tiveram suas partituras editadas, Inezita Barroso gravou um disco com músicas gauchescas e foi lançado o livro “Danças Gaúchas” da autoria dos dois tendo ganhado

¹⁹ - *Sociedades Criollas* eram associações tradicionalistas que existiam no Uruguai desde o início deste século.

²⁰ - Sobre a trajetória de Dante de Laytano ver NEDEL, Letícia Borges, *Paisagens da Província: o regionalismo rio-grandense e o Museu Julio de Castilhos nos anos cinqüenta*. Dissertação de Mestrado em História Social, UFRJ, 1999.

Menção Honrosa do VII Congresso de Monografias sobre o Folclore Nacional do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo em 1952.

Ainda em 1952, Paixão Cortes foi convidado a dar o primeiro curso de danças folclóricas no qual participaram professores de diversas áreas. O curso foi promovido e patrocinado pelo Instituto Cultural Brasileiro Norte-americano assim, apesar de todo o discurso anti-americano que envolveu o início do Tradicionalismo foi uma instituição ligada aos EUA (embora criada e administrada por brasileiros, um deles Érico Veríssimo) que patrocinou o primeiro curso que veiculava as pesquisas em folclore gaúcho para professores que reproduziriam esta experiência com seus alunos. Outros cursos se seguiram, tanto no Rio Grande do Sul quanto em outros Estados fazendo crer que, neste período, ocorreu uma retomada do regionalismo sob uma nova forma, contribuindo para a idéia de um Brasil mostrado como um “mosaico-síntese” de diferenças culturais harmonizadas, imagem esta que persiste e que é sujeita a um uso político facilmente adaptável às circunstâncias.²¹

No ano seguinte, 1953, Paixão Côrtes cria o Conjunto Folclórico “Tropeiros da Tradição”, com o qual apresentava danças gaúchas, muitas delas fruto de suas próprias pesquisas. Pouco depois criou o conjunto “os Gaudérios” com o qual se apresentou em vários Estados brasileiros e mesmo no exterior. Em 1953 também começou a produzir e apresentar programas gauchescos no rádio, o primeiro intitulado *Festa no Galpão* e depois, com Darcy Fagundes em 1955, o *Grande Rodeio Coringa*, programa este que marcou época no rádio rio-grandense.

Ocorreu, assim, uma profissionalização na qual o gauchismo passa a ser seu meio de vida. Paixão Côrtes tornou-se muito conhecido mas isso também lhe acarretou muitas críticas pois teria submetido sua atividade de pesquisador a de artista e produtor cultural. Talvez o momento em que sofreu as críticas mais fortes foi quando, já na década de 70, reconhecido e admirado como folclorista e pesquisador, aceitou fazer um comercial para uma marca de café solúvel onde dizia “chega de café de chaleira” (a maneira antiga de se fazer café no campo, já há muito tempo em desuso). Este fato foi considerado quase como um “crime de lesa-tradição” pelos tradicionalistas e a imagem de Paixão Côrtes sofreu duras perdas.

Embora continuasse a ser funcionário público (com idas e vindas), tendo se graduado a duras penas em agronomia (sendo que sua passagem pela universidade faz parte do anedotário regional), é no folclore (como professor e autor de livros), no tradicionalismo (que se confunde com a atividade de folclorista), como artista regional (discos) e comunicador (radialista de um programa regionalista) que vai construir sua trajetória de vida. Em 1979 assumiu a direção técnica do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, fundação estadual voltada ao folclore e as tradições, criada por inspiração dos tradicionalistas, dirigindo as pesquisas nesta área.

²¹ - Sobre o assunto ver MACIEL, Maria Eunice. *Os Tipos Característicos: região e estereótipos regionais*. Revista *Humanas*, IFCH, UFRGS, 1995.

Ao todo, Paixão Côrtes tem 22 livros (de 1959 a 1994) como único autor sobre aspectos do folclore gaúcho, especialmente danças, músicas e vestuário, além de quatro em parceria com Barbosa Lessa (de 1950 a 1985) e seis discos gravados (de 1962 a 1982).

Ainda hoje percorre o estado ministrando cursos e é chamado para opinar sobre algum assunto envolvendo o folclore local. Porém, não é mais uma liderança do tradicionalismo embora seja reconhecido enquanto fundador e idealizador do movimento e homenageado de diversas formas, até mesmo como nome de CTG.

Porém, Paixão Côrtes deixou uma marca significativa na cidade de Porto Alegre e no Rio Grande do Sul: serviu de modelo para a estátua do “Laçador” colocada à entrada da cidade. Desta forma, escolhido como um modelo de gaúcho, representa-o em bronze. Paixão Côrtes é assim descrito pelo tradicionalista e folclorista Antonio Augusto Fagundes:

“Paixão sempre foi o dínamo dos três. Líder nato, agitado, nervoso, idealizador e realizador, era garoto propaganda do movimento, a imagem viva do gaúcho renascido das cinzas do Estado Novo, que até os símbolos do Rio Grande queimara em praça pública. Não por acaso, o Paixão terminará posando para Caríngi, modelo da estátua do laçador, hoje símbolo do próprio Rio Grande do Sul.”

Com seu jeito agitado, fácil comunicação, seu falar alto, gestos amplos, sua risada sonora e seus vastos bigodes, Paixão Côrtes lembra a imagem de um gaúcho bonachão e alegre, imagem esta que é uma das mais recorrentes dentre as representações da figura do gaúcho. Não por acaso, quando se fala em gaúcho, lembra-se de Paixão Côrtes.

Barbosa Lessa também teve sua trajetória pessoal tocada pelos acontecimentos de 1947 e a formação do Tradicionalismo. Parceiro de Paixão em várias pesquisas folclóricas, era considerado o “intelectual do movimento. No entanto, enquanto Paixão Cortes vai dedicar toda a sua vida ao tradicionalismo e ao folclore, Barbosa Lessa tentou, em várias oportunidades, desvencilhar-se e seguir outros rumos sem, no entanto, consegui-lo, retornando sempre, de uma ou outra forma, ao gauchismo.

No início da década de 50 continuava como jornalista, sendo dele as primeiras notícias acerca do “35” e do movimento, ainda na Revista do Globo.²² No Diário de Notícias (ligado aos Diários Associados) iniciou uma coluna chamada de *Tradição*, que teve continuidade, após a sua saída, sob a direção de outro jornalista.. Sobre este período, 1953 / 54 assim se expressa:

“...estava me perturbando, inclusive, tanto a minha vida profissional , de tanto que se falava em tradicionalismo, até psiquicamente, que eu andava no bolso do paletó com um

cartão datilografado ‘meu amigo, não tome por brincadeira, é verdade, fale-me de qualquer coisa menos tradicionalismo’ ²³

Depois disso, partiu para São Paulo e explica:

*“Em 54, eu andava por aí, eu andava com aquele cartãozinho ‘falem tudo, menos sobre tradicionalismo’ que estavam me prejudicando, prejudicando até o ganha pão, se eu ficasse as voltas com o tradicionalismo ou com aspectos culturais ou históricos estava azarado, né, tinha que me ganhar minha vida, com outros motivos que eu não saberia nem analisar, talvez fossem vários motivos, eu resolvi ir para São Paulo.”*²⁴

Porém, mesmo esta ida para São Paulo esteve, de uma certa forma, ligada ao gauchismo pois viajou com a perspectiva de trabalhar em cinema, na Cia Cinematográfica Vera Cruz como consultor de costumes de um filme, *Ana Terra*, que a empresa pretendia realizar. Porém, o projeto não foi efetuado e a Vera Cruz acabou cessando as atividades. No entanto, Barbosa Lessa empreendeu em sua estadia a edição e gravação das músicas e danças tradicionalistas como também iniciou um curso na Escola de Sociologia e Política. Embora não o tenha levado a diante, quando voltou para o RGS trouxe na bagagem alguns livros, entre eles os de Ralph Linton e Donald Pierson. Barbosa Lessa voltou não para Porto Alegre, mas para a fazendola de seu pai em Piratini passando a ter uma vida mais ligada ao campo tendo contato mais direto com os peões e à noite dedicando-se à leitura dos livros trazidos de São Paulo.

Desta experiência surgiu o texto “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, onde se observa uma nítida influência da Escola de Chicago²⁵, aprovado no primeiro Congresso Tradicionalista em 1954 e que é tido hoje como um dos documentos principais que fundam o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Várias foram as vezes que Lessa partiu do Rio Grande. Antonio Augusto Fagundes assim descreve:

“Quando estava no auge, Lessa deixou tudo e foi para São Paulo, tentar outros ares. Voltou com uma peça gauchesca que encantou o Rio Grande todo: “Não te assusta, Zacarias!” Voltou uma vez mais para prestar estágio militar como tenente de cavalaria do CPOR, em

²² - Revista do Globo n° 471 Porto Alegre, 20 / 11 / 1948 , pag.37.

²³ - Entrevista n°1.

²⁴ - Entrevista n°1.

²⁵ - Sobre o assunto ver OLIVEN, Ruben, A Parte e o Todo”, Petrópolis, Vozes, 1992.

São Gabriel. Voltou outra vez mais para casar com uma autêntica “prenda” gaúcha. E voltou, finalmente, para ficar - até hoje.”²⁶

Retornou ao Rio Grande do Sul em 1974. Foi Secretário da Cultura, Desporto e Turismo na década de 80 e continuou como funcionário público e jornalista possuindo hoje uma coluna no jornal Zero Hora tratando de temas ligados ao Rio Grande do Sul.

Escolheu para morar o campo, não uma fazenda mas uma chácara onde se dedica à plantação e fabricação de erva - mate segundo técnicas artesanais tradicionais, vendida aos sábados em uma feira ecológica em Porto Alegre. Sua chácara está situada na Serra do Herval, região sul do Estado que recebe este nome por causa dos antigos ervais dos jesuítas quando do início da ocupação do território que veio a ser o Rio Grande do Sul.

Embora suas várias tentativas de manter as atividades tradicionalistas a distância, não o conseguiu. Mesmo sua escolha do lugar de moradia e a atividade econômica ali exercida obedecem a critérios que remontam ao passado gaúcho. Recentemente editou o “Almanaque dos Gaúchos” e lançou o Hino Tradicionalista, mantendo-se ainda em atividade dentro do gauchismo.

Glaucus Saraiva ficou mais conhecido como poeta, sendo dele o poema *Chimarrão*, um dos mais conhecidos, declamado, publicado e divulgado de toda forma, seja gravado em couro, seja estampado em camisetas. É dele também o Manual do Tradicionalismo e a Carta de Princípios, outro dos documentos básicos do movimento. Embora tenha sido também folclorista, não deixou muita coisa escrita mas foi professor e incentivou muitas das pesquisas em folclore regional.

As divergências entre Glaucus e Paixão Côrtes eram famosas. Os dois atritavam-se seguidamente sendo de Barbosa Lessa a tarefa de manter os ânimos calmos e impedir rupturas. Uma das queixas de Glaucus era que sua figura era colocada em segundo plano em relação à Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, estando ele também no centro dos acontecimentos não apenas nos primórdios do movimento mas como também tendo dedicado sua vida ao gauchismo.

Glaucus foi uma figura que marcou os que o conheceram. Embora poeta reconhecido, cujos poemas eram e ainda são declamados por todo o Rio Grande, recusou-se a publicá-los em vida. Formado em direito, teve muitas outras atividades. Na juventude foi lutador de “cath”, com o nome de *Saracura* Foi também cantor, tocador de violão, e apresentador do programa gauchesco radiofônico, “Campereadas”. Durante um certo período foi cantor da Rádio Nacional e cantou no conjunto “Os Quitandinhas Serenades” ao lado de Luiz Telles, Luiz Bonfá e João Gilberto.²⁷

No Tradicionalismo foi o criador de símbolos e rituais (muitos deles influenciados pela maçonaria, a qual pertencia) sendo o idealizador da organização interna do CTG, estruturado como

²⁶ - Zero Hora , Porto Alegre 04/05/84. Antonio Augusto Fagundes, “Os Reis Magos do Gauchismo”..

²⁷ - Cf. Antonio Augusto Fagundes, op. cit.

uma estância simbólica. Empreendedor, era apenas funcionário público mas usou seu prestígio pessoal para criar espaços ligados ao gauchismo, desde o Galpão Crioulo no Palácio do Governo, onde são realizados os churrascos para os convidados do governador, até a criação de parques históricos ou de inspiração gauchesca pelo Estado.

Seu amigo, Antonio Augusto Fagundes, assim descreve o companheiro:

“Glaucus, a quem eu sempre chamei Catão, pelo que tinha de moralista e censor, era briguento, borracho, intratável, dispersivo, autodestruidor. Mas era também um gênio criativo. Foi um dos três grandes criadores do movimento tradicionalista. Deu duas sedes para o “35 CTG” - as únicas duas que o velho centro possuiu e possui até hoje. Criou o Galpão Crioulo do Palácio Piratini. Criou o Parque Histórico General Bento Gonçalves da Silva, no Cristal, em Camaquã. Criou a Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Inspirou a criação do Parque da Harmonia orientando o engenheiro Curt Zimmermann. E foi o autor da carta de princípios do MTG e do Manual do Tradicionalista. Criou estâncias gauchescas por esse Rio Grande afora. Foi o pioneiro da pesquisa e do ensino do folclore infantil no Rio Grande do Sul. Adorado pelos amigos e pelas alunas, gostava de dar patacos, criticando tudo e todos - e não perdoando nem a si mesmo.”²⁸

Criadores de um Movimento que hoje alcança milhares de pessoas, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes orgulham-se do que empreenderam na juventude. Ao narrarem os acontecimentos, retornam àqueles tempos, com risos e olhos brilhantes. É o retorno a uma época sentida por eles como “gloriosa” quando, em lombo de cavalo e de caderno na mão construíram um movimento tão significativo. Sentido como um desafio, quando aparecer de bombachas era sujeitar-se a ser vaiado. Enfrentaram um grande número de críticos que viam no movimento um “retrocesso” e o levaram adiante.

Os companheiros dos primeiros momentos seguiram suas vidas, hoje são fazendeiros, advogados, veterinários, agrônomos, odontólogos, e outras profissões embora ainda tradicionalistas. Porém, Paixão Cortes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva fizeram do gauchismo um norte em suas trajetórias individuais que confundiram-se assim, com a própria trajetória do movimento.

Bibliografia:

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Nativismo*. Porto Alegre, L&PM, 1985.

JOSÉ MURILO DE CARVALHO, “Brasil: nações imaginadas” *in*: Antropolítica, PPACP-UFF n° 1
Jan / Jun 1995.

MACIEL, Maria Eunice. *Os Tipos Característicos: região e estereótipos regionais*. Revista Humanas,
IFCH, UFRGS, 1995.

NEDEL, Letícia Borges, *Paisagens da Província: o regionalismo rio-grandense e o Museu Julio de
Castilhos nos anos cinquenta*. Dissertação de Mestrado em História Social, UFRJ, 1999.

OLIVEN, Ruben, *A Parte e o Todo*, Petrópolis, Vozes, 1992.

PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. *Origem da Semana Farroupilha, primórdios do Movimento
Tradicionalista*. Porto Alegre, editado pelo autor, 1994.

PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. *Festa na Querência*. Porto Alegre, Tradisul, 1959.

PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. *Falando em Tradição e Folclore Gaúcho (excertos jornalísticos)*.
Editora do autor, 1981.

VILHENA, Luís Rodolfo. “Os intelectuais regionais. Os estudos de folclore e o campo das Ciências
Sociais nos anos 50”. *RBCS* n° 32 ano 11. Outubro de 1996.

Jornais:

Zero Hora, Porto Alegre 04/05/84. Antonio Augusto Fagundes, “Os Reis Magos do Gauchismo”.

Zero Hora, Porto Alegre 13/09/77.

Zero Hora, Porto Alegre 18/09/93.

A Hora, Porto Alegre, 9/10/58.

Folha da Manhã, Porto Alegre, 15/09/77.

Revistas:

Revista do Globo, Porto Alegre, n° 471, novembro / 1948.

Revista do Globo, Porto Alegre, n° 561, maio / 1952.

Revista do Globo, Porto Alegre, n° 595, setembro / 1953.

Revista do Globo, Porto Alegre, n° 933, outubro / 1956.

Revista do Globo, Porto Alegre, n° 699, setembro / 1957.

Revista do Globo, Porto Alegre, n° 751, setembro / 1959.

Revista Aplauso, Ano 1, n°4, 1998.

Entrevistas:

²⁸ - Antonio Augusto Fagundes, op. cit.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. Entrevista n° 1, concedida ao Programa e Pós - Graduação em Antropologia Social, IFCH,UFRGS, Seminário Cultura e Sociedade no Rio Grande do Sul, prof. Ruben George Oliven, 8/6/85. Gravação em fita cassete.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. Entrevista n°2, concedida a Maria Eunice Maciel. Sítio Água Grande, 1991. Gravação em fita cassete.